



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12645 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A CONVERSA NAS RODAS DE HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: Reflexões sobre as interações dialógicas das crianças

Barbhara Elyzabeth Souza Nascimento - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

A CONVERSA NAS RODAS DE HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Reflexões sobre as interações dialógicas das crianças

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade estudos com crianças pequenas na Educação Infantil (MOTTA, 2011; RYCKEBUSCH, 2011; NASCIMENTO, 2012; 2021;) têm ressaltado a complexa tarefa das professoras ao contribuir para a formação de leitores críticos, reflexivos, autênticos, livres e capazes de participar ativamente dos mais variados eventos de letramento na sociedade.

Tal discurso em torno da formação leitora dialoga com a concepção de educação para a formação ética (KOHAN, 2008; SÁTIRO, 2012) e reivindica um olhar mais atento à educação para o pensar na perspectiva de uma pedagogia da escuta, fundado no protagonismo das crianças (BAJOUR, 2012).

Partindo da ideia de que ler/ouvir com prazer não se contrapõe a uma ação pedagógica intencional, nos questionamos: o que dizem as crianças quando encorajadas a argumentar e a pensar criticamente/criativamente nas rodas de histórias? Que tipos de interações dialógicas são mais frequentes? O que esses gestos, tons e sons nos ensinam sobre a relevância da conversa para o desenvolvimento sociocultural, cognitivo e afetivo das crianças?

Na tentativa de responder a essas inquietações, a presente pesquisa, especificamente no que se refere à participação das crianças nas rodas, buscou explorar essas perguntas, analisando os diálogos entre crianças nos momentos em que conversavam sobre textos literários lidos por suas professoras.

De natureza qualitativa e colaborativa (IBIAPINA, 2008), o estudo analisou 23 sessões de conversas em rodas de histórias conduzidas por três professoras dos Grupos IV e V da Educação Infantil (04/06 anos). As sessões foram videogravadas, transcritas e, posteriormente, organizadas em categorias temáticas com as principais interações dialógicas comuns aos três grupos de crianças.

Nos próximos tópicos apresentamos de maneira breve as ideias centrais que fundamentam nossas reflexões, bem como a análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa, finalizando com as considerações finais.

2 A CONVERSA E FORMAÇÃO DO LEITOR ÉTICO

Desde cedo, as crianças demonstram curiosidade e necessidade de interagir dialogicamente no ambiente familiar, escolar e demais espaços que elas frequentam. Nesses grupos sociais, ensaiam suas primeiras dúvidas, interpretam os gestos dos adultos, formulam perguntas, tecem comentários, silenciam, observam e se esforçam para compreender o mundo, partindo de uma lógica criativa e autêntica, própria do pensamento infantil.

Assim como os pequenos procuram entender os dilemas da vida com perguntas filosóficas, na maioria das vezes embaraçosas para os adultos, também refletem constantemente sobre as razões que nos levam a escrever e/ou ler na sociedade.

Nesse sentido, ao observar os estudos que tem defendido a importância da conversa na roda, nos questionamentos: o que é conversar na roda? Por que Conversar com crianças pequenas? Que livros mobilizam boas conversas?

A conversa com as crianças, nas rodas de leitura, mais do que um esforço metodológico para formar leitores/ouvintes ativos e éticos, compatíveis com a concepção sociointeracionista, representa um reconhecimento de que o sentido da leitura está no encontro dos leitores com o texto, com o mundo e com eles mesmos.

Tais encontros, por sua vez, só são possíveis através de interações dialógicas. É na conversa, por exemplo, que os sujeitos se colocam enunciativamente, fortalecem suas singularidades e as dos demais participantes, aguçam a imaginação e constroem sentidos, reestruturando seus pensamentos num processo de coconstrução do raciocínio (PONTECORVO, 2005).

Seria quase impossível, portanto, pensar na formação de um leitor/ouvinte ativo e ético, dissociado da prática dialógica. Formamo-nos e tornamo-nos leitores com os outros, até mesmo os leitores mais experientes ou amantes da solitude intelectual necessitam de interlocutores para compartilhar suas apreciações e inquietudes sobre os textos lidos e as questões mobilizadas por eles.

Segundo Nascimento (2021), a conversa na perspectiva da educação para o pensar protege a criança da doutrinação e cuida do pensamento, ajuda na construção de sentidos do texto que foi lido ou ouvido (conversar para entender e entender para conversar), instaura a cultura da pergunta, o *habitus* de ler o mundo e, sobretudo, exercita a escuta verdadeira.

A autora ainda ressalta a importância da seleção de livros de literatura infantil que apresentem qualidades gráfico-editoriais (ilustrações, texto, tipografia que fogem do padrão mais comum), possuam um ou mais temas de interesse das crianças, mobilizem mais perguntas abertas do que respostas, tragam ideias implícitas e que exijam esforços para a construção de sentidos, estendendo as reflexões e deslocando os pequenos leitores para novas possibilidades.

Afinal, a “escolha dos livros é a antessala da escuta...” (BAJOUR, 2012, p. 27) e, portanto, da leitura. Por isso, a opção por livros que tenham textos abertos e capazes de promover encontros, desencontros, silêncios, imagens, desafios, atrações e rejeições.

No item a seguir, vejamos alguns resultados que ilustram as reflexões apresentadas até o presente momento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Antes de discutirmos as interações dialógicas que ilustram a participação reflexiva das crianças nas rodas de histórias, mediadas por suas professoras, questionamo-nos: como as crianças reagiram ao convite de ler para pensar e conversar para pensar nas rodas? O que a sua participação nos diz sobre esse caminho de exercitar o pensar nas rodas de leitura e conversa?

A experiência nos mostrou o quanto as crianças são caprichosas, corajosas e autênticas. Mesmo diante de diferenças individuais e coletivas, foi possível observar o interesse comum para compreender os livros, os temas suscitados por eles, bem como os questionamentos/comentários das professoras e demais colegas sobre as obras.

Assim que as docentes apresentavam os livros, imediatamente, os pequenos se aproximavam para tocar, sentir o cheiro das páginas, sua textura, sendo vários os

comentários e solicitações para manuseá-los individualmente, com maior tranquilidade e privacidade, no momento pós-leitura ou conversa.

Outro comportamento recorrente das crianças, era pedir o livro para recontar a história e, na sequência, parar em algumas páginas para comentar o que havia acontecido, o que mais gostaram do que ouviram, entre outros.

A proposta de conversar sobre os livros nas rodas foi bem recebida pela maioria das crianças. Porém, nas primeiras sessões, era perceptível o estranhamento das crianças com a possibilidade de conversar sobre o texto numa dimensão mais subjetiva e não apenas a partir de questionamentos e/ou reflexões mais fechadas e de natureza literal. Ou seja, os pequenos estranhavam questões mais abertas e que exigiam um posicionamento mais crítico, reflexivo, criativo e, portanto, mais personalizado.

É como se eles percebessem que a professora estava buscando uma conversa de um jeito diferente daquele com que, usualmente, estavam habituados. Essa evidência de dizer o que se pensa de maneira inventiva era uma prática nova, fortalecendo o argumento de que a conversa genuína sobre os livros é também uma atividade sociocultural. Ou seja, é necessário cultivar valores e práticas de leitura e conversa que tenham como protagonismo o pensamento crítico e criativo dos pequenos (SÁTIRO, 2012; DUTHIE; MORIYÓN; LORO, 2018).

Após a análise dos vídeos e transcrições das rodas, chegamos aos seguintes eixos temáticos das interações das crianças:

Quadro 01 – Eixos temáticos das “interações das crianças” observadas durante as rodas de leitura e conversa conduzidas pelas professoras

1. Apreciação crítica dos livros lidos/ouvidos nas rodas;
2. A pergunta como instrumento para pensar na roda;
3. Questionamento das ideias lançadas no grupo;
4. Apresentação de ideias de natureza aberta;
5. O “silêncio” como resposta;
6. A conceituação pela experiência de vida;
7. Apresentação de ideias fundamentadas em valores religiosos;
8. Ruptura com as perguntas fechadas;
9. Reinvidicação da autoria das ideias expressas na roda;
10. Retomada dos combinados construídos na roda.

Fonte: Elaboração própria.

Dentre as interações listadas acima, selecionamos alguns exemplos relacionados às interações 4, 5 e 8 para dialogarmos:

Fragmento 1: Apresentação de ideias de natureza aberta

Profª Aurora: Deixa eu ver, Leona quer falar. Os animais podem ser cruéis, Leona?

Cr [Leona]: Os animais são cruéis pra se defender e a gente tem uma coisa cruel dentro de nós, mas ainda não sabemos o que é!

P: Olha o que Leona disse, tá? Os animais são cruéis pra se defender e a gente... Como é Leona?

Cr [Leona]: E a gente tem uma coisa cruel na gente, mas ainda não sabe o que é!

[A professora e todo o grupo ficam atentos ao que Leona disse. A professora cruza os braços e faz expressão de pensativa]

Cr [Leona]: Foi minha mãe que disse isso...

Profª Aurora: Que legal! Você tava fazendo filosofia com sua mãe?

Cr [Leona]: Não, ela só me contou.

P: Hum, OK. A vela apagou [fazendo cara de espanto]. A gente vai encerrar nossa aula de filosofia!

*Extraído da 3ª Roda de Leitura; Agosto/2018 - Profª Aurora, Grupo IV

A beleza desse diálogo reside justamente no desenho de que o pensamento coletivo e individual avança, aprofunda. Especificamente, no caso de Leona, ela lê a imagem com seus colegas, escuta as opiniões diferentes da sua, concorda, discorda de alguns e, ao ser questionada pela docente (“Os animais podem ser cruéis?”), responde ao questionamento com uma reflexão que representa um convite para o grupo continuar pensando sobre a crueldade humana, ao invés de simplesmente fechar o diálogo com uma conclusão definitiva sobre ao assunto. Vejamos outro exemplo:

Fragmento 2: O silêncio como resposta

Profª Aurora: Pronto, Isaac! [sinalizando que ele poderia falar]

[Isaac fica em silêncio]

Profª Aurora: esqueceu?!

Cr [Isaac]: Não!!!

Profª Aurora: Então, fale.

[Isaac fica pensativo]

Profª Aurora: Ah, você tá avaliando a imagem?

[Isaac continua em silêncio]

Cr [Marília]: Tia, lê de novo aquilo [referindo-se a frase que acompanha as imagens]

Profª Aurora: Vou ler de novo, oh/

Cr [Isaac]: Eu já sei!

Profª Aurora [lendo]: “Agora fique aí. E pense bem no que acabou de fazer!”

[...]Profª Aurora: Isaac, diga agora Isaac!

Cr [Isaac]: Ela pegou a chave e aquela chave não é da grade. Porque aquela grade não se abre.

Ao silenciar diante de perguntas, as crianças assumem uma postura cautelosa para falar, adotando o silêncio como tempo de reflexão e/ou para ganhar tempo para estruturar melhor suas ideias. Esse cuidado com o “dizer” é fruto da própria escuta qualificada do grupo de crianças e professoras na roda. Ou seja, as crianças pensam mais um pouco para falar, demonstram zelo com as ideias e ao mesmo tempo, compreende que a expressão de opiniões e a construção de ideias exigem tempo de reflexão.

Fragmento 3: Ruptura com as perguntas fechadas

Profª Luna: Deixa eu fazer uma pergunta. Vocês concordam que porque ficou adulto num pode mais brincar no banho?

Cr [maioria]: Nãooooo!

Cr [Weverton]: Pode, eu brinco!

Cr [Vinicius]: Pode com o marido, né? [risos]

Profª Luna: Não, tô falando do adulto. Então, quem é que se diverte mais, o adulto ou a criança?

Cr [maioria]: A criança.

Profª Luna: Então, é melhor ser criança ou adulto?

Cr [alguns]: Adulto

Cr [alguns]: Criança

Cr [Vinicius]: Eu quero ser adolescente!

*Extraído da 2ª Roda de Leitura; Novembro/2018 - Profª Aurora, Grupo V

Como pudemos observar, no exemplo acima, além de concordar com o grande grupo, duas crianças marcam uma posição, ao explicar o porquê de discordar do autor. Esse comportamento, embora não seja unânime, revela-nos que algumas crianças não aceitam a despersonalização. Mesmo concordando com a maioria, elas querem ser ouvidas em suas singularidades, desprezando o grande coro. Além de não responder, acompanhando o coro como os demais, Vinicius também se recusa a dar uma resposta a partir das alternativas sugeridas por sua professora (“Eu quero ser adolescente!”).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das crianças nas rodas de leitura evidenciou a sua familiaridade com a prática de ouvir histórias lidas por suas professoras, assumindo o papel de ouvintes-ativos. Contudo, a conversa na “roda para pensar”, foi uma novidade incorporada, aos poucos, pelas

crianças. Assim, gradualmente, o “diálogo numa perspectiva subjetiva” foi instigando as crianças a acionar suas experiências de vida para produzir conceitos, formular perguntas, revelar inquietações, expressar opiniões sobre os textos/temas dos livros, e dar exemplos para ilustrar pontos de vista.

O estudo revela, portanto, que a voz ativa dos pequenos na roda reivindica uma escuta adulta sensível, verdadeira e qualificada para acolher, e cultivar a curiosidade e expressão do pensamento dos pequenos, mantendo a vitalidade do diálogo no grupo. Assim, evidencia-se a complexidade do desafio das professoras na construção de cenários significativos, tais como as rodas de leitura e conversa, que valorizem o pensamento crítico e criativo das crianças.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

DUTHIE, Ellen; MORIYÓN, Félix García; LORO, Rafael Robles (org.). **Propuestas actuales en Filosofía para Niños**. Madrid: Anaya, 2018;

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOTTA, Flavia. Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica. *In*: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia (org.). **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. 3. ed. Campinas: Papirus, 2011;

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. **Argumentação nas rodas de história**: reflexões sobre a mediação docente na Educação Infantil. 2012. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2012.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth Souza. **Educar para o pensar nas rodas de leitura: as interações dialógicas entre crianças e professoras da educação infantil**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

PONTECORVO, C. Discutir, argumentar e pensar na escola: o adulto como regulador de aprendizagem. *In*: PONTECORVO, C.; AJELLO, A. M.; ZUCCHERMAGLIO, C. (orgs.). **Discutindo se aprende**: Interação social, conhecimento e escola. Porto Alegre: Artmed, 2005

RYCKEBUSCH, Claudia Gil. **A roda de conversa na educação infantil**: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2011;

SÁTIRO, Angélica. **Brincar de pensar**: com crianças de 3 e 4 anos. Tradução: Romina Amorebieta, Luciano Barrionuevo e Guillermo Segu. São Paulo: Ática 2012.